

# SOBRE VIAJAR NA INFÂNCIA

*Giovanna Pietra*



80 VIAGES POR LA TIERRA Y POR LA IMAGINACIÓN

*"Sobre viajar na infância", Giovanna Pietra*

Vol. 5, Nº 2 - Dezembro de 2023 || ISSN 2763-5066

Simplem eram os dias em que, despreocupadamente, eu pegava um avião, não me importando com aonde eu iria e com o que estava a ser deixado para trás, precisamente, quem eu estava deixando para trás. Eu tinha 6 ou 7 anos quando primeiro entrei em um avião, usava um vestido azul rodado com bordados de flores em seu busto, a mala era rosa e da Barbie, em minhas costas, uma mochila rosinha em formato de cachorrinho. Eu viajaria sozinha, toda minha família veio só para me assistir ir.

Minha mãe me esperava em outro estado, Mato Grosso. Eu viveria com ela pela primeira vez, como fazem as filhas e as mães normais. É claro que eu estava feliz. É claro que não senti medo em viajar sozinha. Era o melhor da minha vida, o melhor que alguém de seis anos poderia ver do mundo.

Crianças, pequenas como são, carregam naturalmente em si uma visão antropocêntrica do mundo. Mesmo pequenas e mesmo que o céu seja interminável, acreditam fielmente, contrariando qualquer afirmação discordante, que aquela não era verdade. Me lembro com uma apuração assustadora, de pensar que o planeta Terra era o Brasil, simples e pequeno assim. Que o Japão ficava em Júpiter e os Estados Unidos em Marte, e todos esses planetas e seus habitantes giravam em torno de mim como no mobile de berço, eu poderia segurá-los com um esticar da minha pequena mão.

Não foi minha única viagem, muito menos seria a última. Por muito e muito tempo mesmo, vivi um troca-troca de estados, casas e cidades, e mães. Incessantemente e num ritmo frenético assim. Eu não me importava com 6, não me importava com 8, nem com 12. Eu estava feliz e a visão do lado da janela sempre era bonita. Eu sempre exigia mais das formações de nuvens - sejam maiores, tenham mais textura, formem coelhinhos e sorrisos. Todos esses microecossistemas debaixo de mim, como cidadezinhas de minha mente, girando, ainda presos no mobile sob meu berço. Tamanha despreocupação é uma qualidade reservada somente à infância e não pode nunca mais ser reproduzida, nem fingida, e recuperá-la então está fora de questão.

Se você é uma criança viajando sozinha, você recebe um crachá vestido ao seu pescocinho, ou colado em seu busto. É para mostrar que você é especial. Você aguarda do lado de fora da sala de embarque junto com a equipe de bordo e assiste todos os adultos caminharem em fila, mas você não, você é escoltado até o avião por aeromoças ou terceirizados da companhia aérea. Você é o último a embarcar. Seu assento é exclusivamente o primeiro, rente à bancada das aeromoças. Elas fecham o teu cinto de segurança e dão duas puxadinhas para certificar de que você está seguro ali. Procedimentos de rotina. Elas lhe dariam dois copos e te pediriam para segurá-los contra teus ouvidinhos - é para evitar o entupimento dos ouvidos com a alteração na pressão do ar durante a decolagem. Elas anunciariam o preparo da decolagem no microfone rente ao estande enquanto te olhavam. Você espremeria os olhos com força, levantaria os pés como elas te ensinaram, e o avião logo já estava no ar.

Se você é uma criança chorona, elas irão secar suas lágrimas e falar manso, se você se mostrar corajoso, elas lhe darão um sorriso fino e olhos tenros, mas elas sempre, sempre estarão sorrindo. "Você é a garota mais corajosa que eu já vi", uma aeromoça me disse uma vez, e eu fielmente acreditei, ninguém sabia aguentar uma decolagem como eu. Ela sorria, tenra, enquanto me dizia isto.

Eu estava feliz sendo especial, sendo importante. Por minha curta infância e mais curta ainda préadolescência, realmente acreditava ter algo genuinamente raro em mim, o motivo pelo qual sempre sorriam para mim, como sorrisos de aeromoças, todos estavam prontos a me servir, prontos a me ver fazer algo genial com minha vida. Mentir a crianças clamando que há algo de gênio ou predisposição ao excepcional nelas é de um decoro maligno. Não mentir no ato de inventar que tenha algo lá, mas mentir em plantar a inclinação a acreditar na própria sobrehumanidade que elas não possam vir a ter, ou ter, mas não performar, isto é maligno. É condená-las à decepção. Mas, adultos, eles estão sempre tão orgulhosos e prontos para distribuir estes sorrisos para quem ainda tem uma vida a se fazer. "Você é a garota mais corajosa que já vi".

Talvez tenha parcela de culpa, sempre me enfatuei com elogio de professoras de português, aeromoças, fotógrafos. Eu queria ser especial e projetava minhas ambições na realização de seus elogios. Acreditava que se os elogios continuassem vindo, o especial ainda se mantinha vivo. Obviamente os elogios cessaram, e sonhar alto também.

Me acostumei com os sorrisos. Decorei cores de uniformes e nomes de companhias. Modelos de aviões. Se era um Boeing 737 ou um Fokker 100. Sempre preferi Fokker. Em toda viagem pedia para levar um copo do estande de bordo. Colecionava copinhos de companhias de bordo. Já sabia quais eram os aeroportos que gostava, e quais desprezava. Sabia que o de Brasília era o mais bonito, que o de Porto Velho era meio sujo e um pouco feio, que o de Cuiabá era uma bagunça quente, que o de Rio Branco tinha um teto telado azul cafona, que Congonhas era tenebroso, mas amplo. Aos poucos, aeroportos atingiam, no meu inconsciente, a mesma familiaridade da escola que frequentava, ou do parquinho em que brincava.

Por bastante tempo considerei ser aeromoça, considerei trabalhar em linhas aéreas. Eu gostava da bondade, da sutileza com que elas carregavam seus corpos. O corte limpo de seus ternos e saias. Seus rostos sempre batidos de pó de arroz. O tom de voz. As unhas curtas e limpas. O cabelo arranjado em gel, com cada fiozinho em seu lugar. Eu ainda aperto o botão de chamada só para que uma venha sorrindo em minha direção.

Havia algo como de casa num ambiente de aeroporto, há algo remotamente familiar dentro destes aviões, como se eles fossem uma extensão da minha casa, como se fossem a ponte que me liga a um ente querido, mas o avião, ele mesmo na sua complexão maquinaria, metafisicamente foi se tornando o meu ente querido em si.

*"Sobre viajar na infância", Giovanna Pietra*

Minha infância foi em aviões. Dentro de aviões. Minha infância foi a agonia de "quando será que eu vou pegar um avião e ver fulano, ciclano, minha vovó", quando eu vou ver o avião, senti-lo, levantar meus pés na guinada súbita da decolagem como faço até hoje, quando sentiria o nervoso de uma arremetida, onde meu coração iria aos meus pés e então, num gorfo, voltaria ao meu pescoço, e desceria gradualmente ao meu peito de novo. Se tornou um relacionamento inexorável, corpo e máquina embalsamados em líquido de memória, unidos por nostalgia, associação, comunhão. Eu estou aqui e depois estarei lá, mas antes estarei no avião. Máquina graciosa.



### ***Giovanna Pietra***

Giovanna Pietra, de 20 anos, nasceu em Cruzeiro do Sul, Acre. Atualmente cursando *Mediação Cultural - Artes e Letras* na UNILA.

*"Sobre viajar na infância", Giovanna Pietra*

**Vol. 5, Nº 2 - Dezembro de 2023 || ISSN 2763-5066**